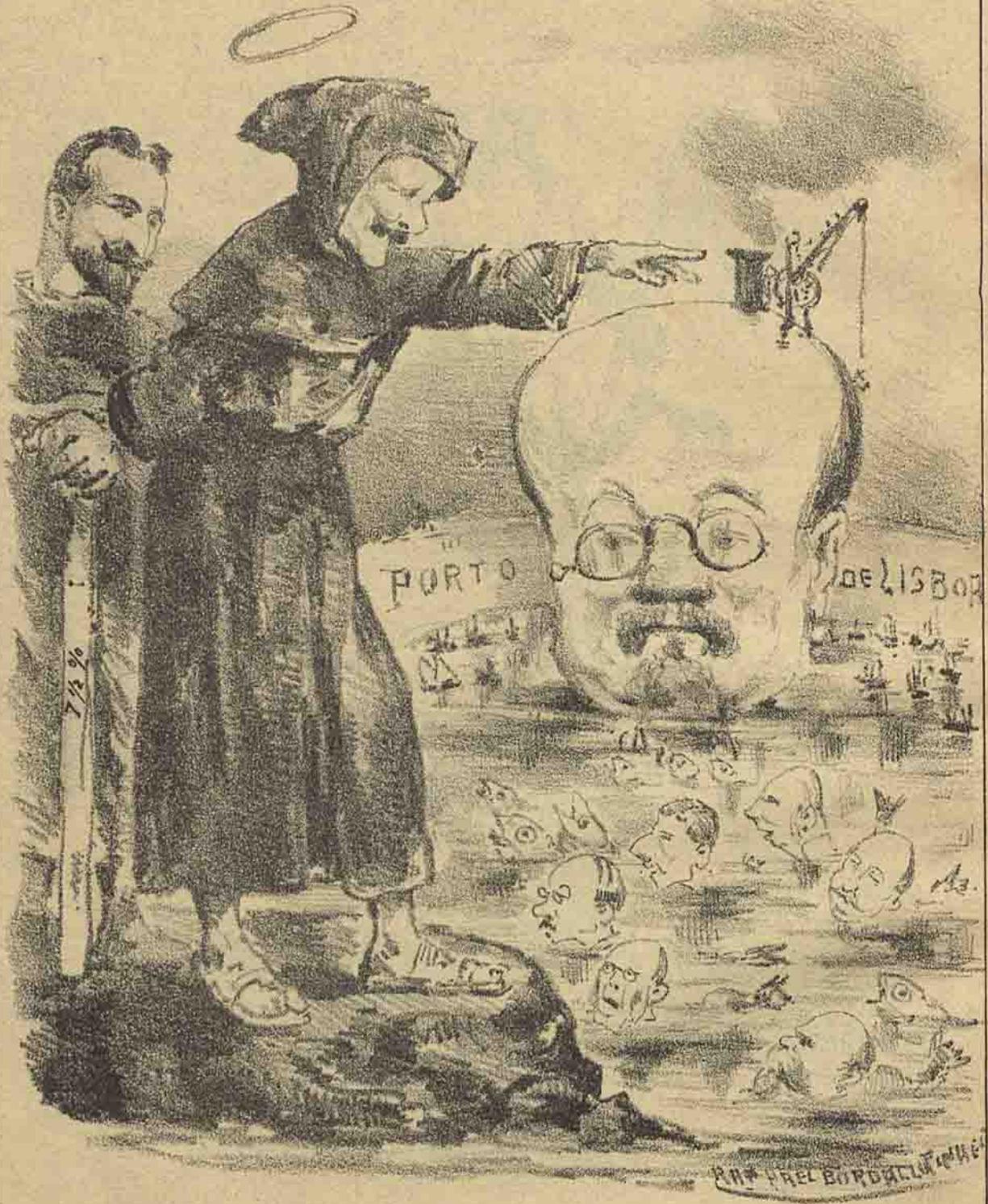


O barril triumphante ou a gloria do au



Quadro commemorativo da falta d'agua no dia 26, para ser encaixilhado e dependurado nos chafarizes e casas de malta.

O PORTO DE LISBOA



«E o thaumaturgo prégava aos peixinhos as vantagens do porto de Lisboa...» (CAPÍTULO IV DO *Flos Fontorum*, PAG. 36.ª)

CHRONICA



Antigamente, todas as famílias bem governadas tinham um frade em casa.

Está claro que não nos referimos a frades de carne e osso...

Eram frades de papelão recortado e cujo capuz, ora inclinado para a testa, ora descaído sobre os hombros, indicava se o chefe da família tinha de levar para a repartição as suas botas de sola e vira, ou se as meninas da casa podiam passear de tarde no jardim da Patria chal Queimada com os seus chapellinhos de palha de Italia, da loja do Ciria — no tempo em que o Ciria era o pimpão dos chapéus de palha.

Mas o frade de papelão foi lentamente perdendo a sua importancia barometrica — exactamente como o original de carne e osso perdeu a sua influencia social — e ahí o temos hoje de todo preterido pelo barometro das *kermesses*!

Quem quizer saber se choverá ou se fara bom tempo não tem mais de que pegar no *Diario de Noticias* e verificar se alguma *kermesse* faz parte das *festas e diversões do dia*.

Se fizer, é exactamente como se n'esse instante passasse na rua o caldeireiro a fallar de gatos em pratos.

A influencia directa e sobejamente provada das *kermesses* sobre o estado do tempo, vem introduzir uma curiosa modificação no velho-uso das preces *ad petendam pluviam*.

Os padres priores das freguezias assoladas pela seca, que não deixa vingar os tomates nem crescer o feijão carrapato, poderão prescindir das suas resas junto aos sagrados altares, dirigindo antes sobre as *toilettes Pompadour* das nossas elegantes preces *ad petendam kermesse*.

Feita a *kermesse*, começam os anjos do Senhor a pingar água lá de cima, como o povinho pinga em moedas de vintem sobre os anjos da caridade cá de baixo...

Uma pingadeira em todos os sentidos!

Ora, tendo havido *kermesses* em todo o mez de junho ultimo, não admira que Deus Nosso Senhor nos desse agua por uma pá velha em todas as vinte e quatro horas.

O que espanta, é que o sr. dr. Pinto Coelho, que sempre tivemos na conta do mais fiel respeitador das vontades celestes, procedesse de fórma differente á do Pae do ceu, deixando a cidade sem pinga d'agua!

E o certo é que a cousa esteve muito fosforica... Até foi pena que o Philippe de Carvalho não iniciasse n'esta occasião a nova lei sobre o monopolio dos fosforos...

O gallego, lançado ao ostracismo, readquiriu momentaneamente a sua gloriosa importancia e, de humilde que era na vespera, passou a fallar-nos com a arrogancia e o sobreceño com que o deputado victorioso falla aos cleitores no dia seguinte ao da cleição.

Só o Burnay, o Chamiço, o Monteiro Milhões e outros Cresus que taes, se permittiram durante quarenta e oito horas a extravagancia de lavar os pés!

Alguns cavalheiros respeitaveis da alta burocracia, d'aquelles que teem de se apresentar na repartição de *gravata lavada*, passaram dois dias cumprindo restrictamente essa obrigação, sendo a gravata a unica coisa que levaram lavada para o ministerio!...

Outros, a quem durante a lavagem matutina constava o alto cambio que os barris d'agua attingiram no mercado, lamentavam-se, misturando as lagrimas com a agua do chafariz do Rato:

—Ai meu Deus! muita custa a lavar a cara honradamente!

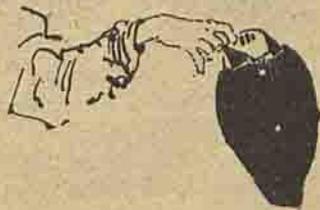
O chafariz de el-rei esteve mais concorrido de gallegos de que os salões do mesmo augusto senhor costumam estar concorridos de commendadores em dia de beija-mão!

O que valeu foi a chuva, que poz os sapatos a pingar em bica, e por isso muita gente bebeu a mesa agua da *bica do sapato*...

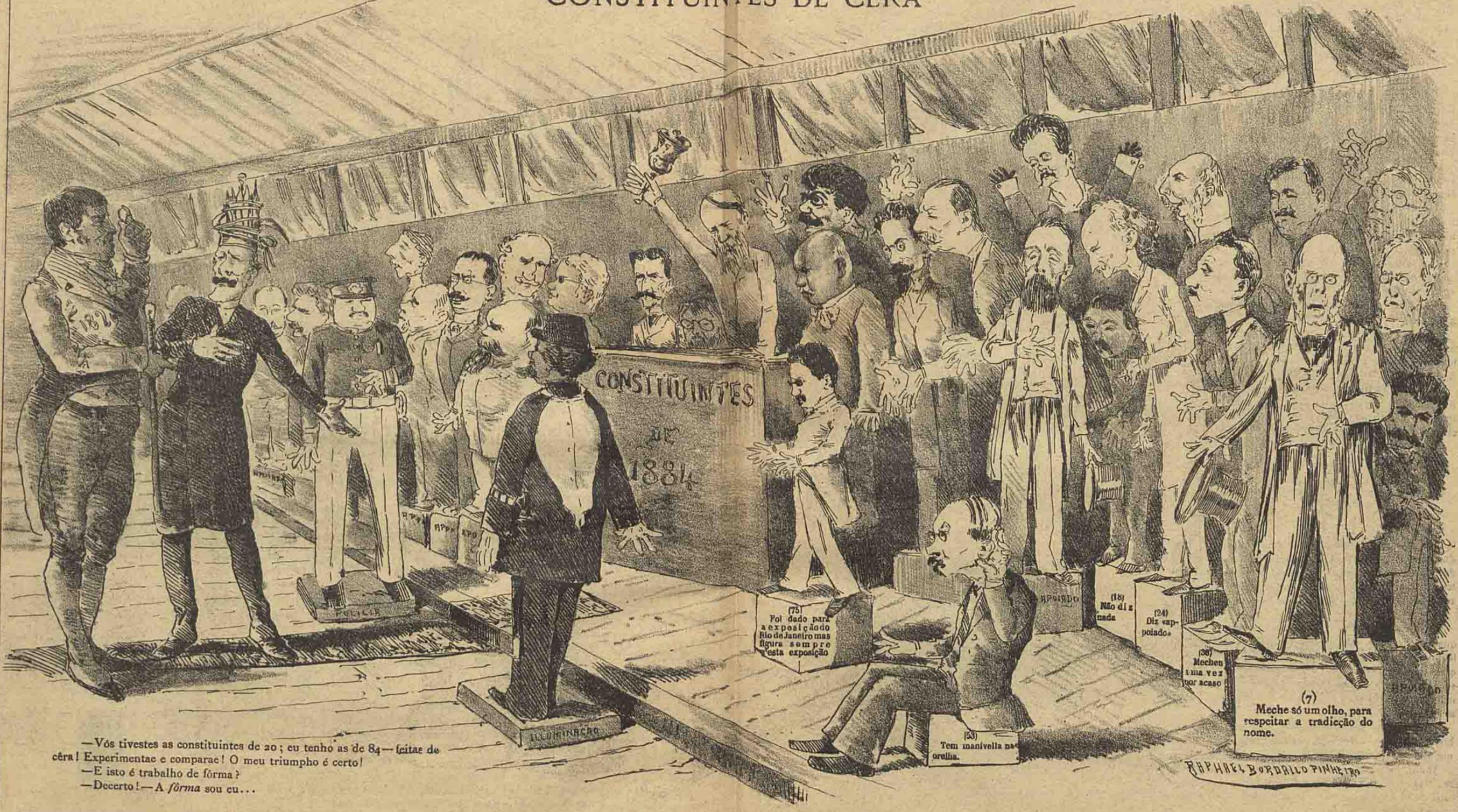
As bebidas alcóolicas substituiram a agua para todos os effeitos, e os barbeiros do bom tom ensaboavam a cara dos freguezes com Medoc de primeira qualidade, ao passo que os mais modestos se limitavam a empregar o Collares do sr. Francisco Costa.

Por outro lado, a agua passou a occupar o logar do vinho, do que resultou ser preso por embriaguez, á porta da tabacaria Neves, um sujeito que se regalára com trez copasios de agua da Sabuga!

Finalmente, para coroar esta alluvião de contratempas, a engommadeira do sr. governador civil desfez a gomma para as camisas em vinho tinto do Cartaxo, succedendo que os peitilhos de s. ex.^a ficaram tão escuros como se os fios da bretanha de linho fossem cabellos do sr. Fontes!...



CONSTITUINTES DE CERA



— Vós tivestes as constituintes de 20; eu tenho as de 84 — feitas de
 cera! Experimentae e comparae! O meu triumpho é certo!
 — E isto é trabalho de fórma?
 — Decerto! — A fórma sou eu...

(75)
 Foi dado para
 a exposição do
 Rio de Janeiro mas
 figura sem pre
 esta exposição

(53)
 Tem manivella na
 orelha.

(18)
 Não diz
 nada

(24)
 Diz exp-
 poiado.

(38)
 Meche
 uma vez
 por acaso

(7)
 Meche só um olho, para
 respeitar a tradição do
 nome.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



O governo, reconhecendo na sua alta sabedoria que Camillo Castello Branco, apesar de escriptor distinctissimo, não se achava ainda tão distincto quanto fôra para desejar, agraciou-o com a distincção do titulo de visconde.

E a camara electiva, secundando a ideia do governo, resolveu que se addicionasse aos florões da coroa de visconde a *borla* dos direitos de mercê.

Louvamos o acto do governo, mas, visto que se tratava de presentear o incomparavel escriptor com uma insignificancia de *florões* e *borla*, podiam antes ter-lhe mandado de presente uma sanefa do Gardê...

Não sabemos se Camillo Castello Branco aceitará ou não o titulo com que a munificencia regia acaba de *agracial-o*.

Se accitar, restam-nos apenas duas esperanças consoladoras:

1.ª—Que a rainha do Congo D. Amalia nos confira o titulo de visconde da Fava Rica, para termos a honra de apertar a mão ao de Correia Botelho chamando-lhe *collega*.

2.ª—Que o citado visconde de Correia Botelho apañe em folhetim uma d'aquellas descomposturas para que não nos chega o folego, porque são privilegio exclusivo de Camillo Castello Branco...



Foi finalmente votada a lei que permite aos filhos dos actuaes pares do reino e que ainda estão na massa dos impossiveis—perdão! na massa dos possiveis...—lançarem o manto de arminhos sobre os hombros e tratar o sr. marquez de Vallada por *collega*.

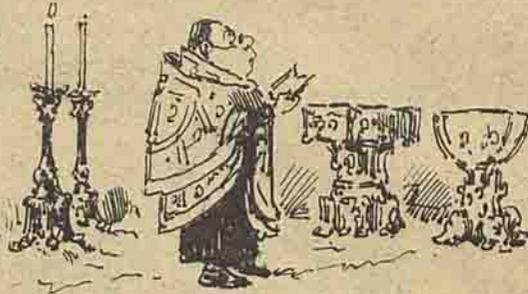
Os illustres petizes vão dar pulos de contentamento quando vierem a este mundo e a parteira os puzer ao facto da honraria que os espera, mas os illustres proceres darão em compensação o diabo á cardada, quando reconhecerem a grande inconveniencia do *serviço* prestado agora pelo sr. Fontes, no intuito de lhes captar as boas graças...

Em primeiro logar, as pobres mães soffrerão o dobro porque, se a lei não passa, dariam apenas á luz um simples cidadão, e, assim, terão de dar um par...

D'ahi, o enxoval do bebê, que a modista já concluiu, terá de ser inutilisado e substituido por outro de capa de arminhos, á altura da gravidade das circumstancias!

Depois a parteira hade querer, e com justiça, que se lhe pague o dobro pela operação.

O padre que fizer o baptisado do par bebê terá de vestir duas capas de asperges, accender duas velas, encher duas pias e ruminar duas dozes de latim.



O sacristão dará duas vezes — parabens!
Os pobres pedirão esmola com as duas mãos,
E o sincero repicará duas vezes a Maria Cachucha!



Isto é: o illustre proceres espera que lhe nasça um filho e afinal succede-lhe como ao pae da Giroflé-Giroflá—vem por partidas dobradas!

E mais tarde, quando o rapaz fôr espigando, imagine-se que dinheirão para as despezas!

A disciplina de instrucção primaria, que já consta de quatro exames, será de oito!

Cavallos para passcio, terá dois.

Formaturas em direito, duas.

Namoros para o bom fim, outros dois.

Amantes hespanholas, outras duas!



E tudo por este lote, de fôrma que o unico meio do pobre *par* pagar pela tabella d'um simples mortal é fazel-o accionista da companhia dos Recreios, o que para muitos será irrealisavel, por não lhe chegarem para tanto os recursos do patrimonio!...



Refere um periodico que na vespera de S. Pedro foi encontrado no Mercado Novo um molho de chaves, de que a policia tomou conta e fará entrega a quem mostrar pertencer-lhe.

O genero do objecto perdido, o local em que a perda teve logar e o dia em que se deu esse facto, não nos deixa a menor duvida sobre quem seja o dono da pranda extraviada.

Foi S. Pedro que não poudo resistir á curiosidade de presenciar, com os proprios olhos que a terra hade comer, os festejos que em sua honra fez o povo luso, para depois deduzir qual dos dois tem mais sympathias na cidade de Ulysses: se elle, se o sr. Fontes!

Isto resolvido, abandonou provisoriamente as portas do ceu, sob pretexto de que ia ali ao barbeiro da esquina tirar uma raiz que o não deixára pregar olho toda a noite, disfarçou a careca com um chinó como o do sr. conde de Mesquitella, mettu-se no americano do Intendente e eil-o no Mercado Novo, de volta com os mangericos e com os cravos de papel de seda!

O peor foi que se distrahiu com as graças d'uma gentil colareja, a ponto de esquecer as chaves do ceu em cima do balcão!

E quando voltou para casa, travou-se entre S. Pedro e o Padre Eterno o seguinte curioso dialogo:

— Que dê as chaves
Que te dei para guardar?
Esqueci-as no Mercado,
Sobre o balcão d'um logar!

— Que dê as chaves,
Ou te aperto os gorgomillos?!
— Já lhe disse: no Mercado,
Junto ao caixote dos grilos!



Em face dos relevantissimos serviços por nós prestados á corêa do sr. Fontes, cuja historia escrevemos e illustrámos, e constitue hoje um primoroso volume para os archivos da Torre do Tombo, estavamos assim com as nossas comichões de pedir a s. ex.^a que nos fizesse conselheiros do Supremo ou que nos legasse em testamento o seu bigode, para d'elle fazermos uns relicarios de perdurar ao pescoço.

Perplexos entre o Supremo e o relicario — as duas maiores recompensas a que um mortal pôde aspirar — não nos resolvêramos ainda por nenhuma d'ellas, quando hontem, passando perto de Santo Antonio dos Capu-

chos, ouvimos um trovador tão melodioso como o da *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro e cujas trovas, calandonos até ao fundo da alma, nos resolveram a prescindir tanto da carta de conselho, como do bigode do presidente do dito.

Achámos coisa melhor: queremos ser pobres do asylo!

Ora oiçam o trovador e vejam se não temos razão...

«A voz. dizia assim:

(Musica do plim, plim, plim, plão.)

De varios empregos,
E' bom, não o nego,
Ter casa de prego
Com bom capital,
Ser rico banqueiro,
Ministro d'estado,
C'ronel reformado,
Mais coisas e tal!

Nadar em delicias
Da aurora ao sol posto,
Não ter um desgosto
Nas horas do chylo,
E' tudo soberbo,
Fallando sincero,
Mas eu antes quero
Ser pobre do asylo!...

Plim, plim, plim, plão!
Plim, plim, plim, plão!
— Tenho uma *kermesse*
Que me ganha o pão!
Tenho uma *kermesse*
Que me ganha o pão!

Não tarda que eu ande
Nas ruas de sege,

Pois que me protege
O *high-life* mais fino,
E passe os meus dias
De perna estendida,
Gozando esta vida
Que marcha n'um sino!

Duquezas e duques,
Marquezes e condes,
Barões e viscondes,
Ministros... — eu sei!...
Ao colo me trazem,
Com tanto carinho
Qual Sant'Antoninho
Onde te porei!

Plim, plim, plim, plão!
Plim, plim, plim, plão!
Tenho o bello *high-life*
Que me ganha o pão,
Tenho o bello *high-life*
Que me ganha o pão!



NO OLHO DA RUA!



— Francisco! põe-me com dono esse pintalegrete d'esse escrebinhador! Eu sou bisconde e num me intendo com os astrologos da letra redonda!